

# REVISTA

DE

# EDUCAÇÃO E ENSINO

DIRECTOR: — OCTAVIO PIRES

VOL. I — NUM. 8

PARÁ — BRAZIL

OUTUBRO DE 1891

## PEDAGOGIA

### HYGIENE ESCOLAR E SUAS VANTAGENS

Encetamos hoje despretenciosamente a publicação de algumas linhas sobre hygiene pedagogica; não é nosso fim apresentar um trabalho, fructo de longos annos de experiencia ou de profundo, estudo sobre a materia, não, o nosso intuito é apenas fazermos uma compilação dos poucos escriptos que temos lido sobre o assumpto e, com essas autorisadas opiniões, mostrarmos em que consiste a hygiene escolar e as suas vantagens.

Descurado como se acha n'este Estado, e quiçá em todo Brazil este importante ramo da educação publica, é dever de todo cidadão trabalhar na medida de suas forças afim de impedir que continue em esquecimento este delicadissimo assumpto, de grande utilidade para as gerações que surgem e de vantagens indiscutíveis para o nosso caro Brazil.

Em todos os paizes as questões que se prendem ao desenvolvimento da vida infantil são objecto de acurado estudo dos profissionaes, porque, como disse alguém, a criança é o *germen* do futuro cidadão e este é para a patria a força motriz de todo progresso e de toda prosperidade.

«A hygiene escolar occupa nos nossos dias um lugar importante entre as questões que dizem respeito á educação publica. É hoje um principio universalmente reconhecido que a sociedade não deve só ao cidadão a primeira cultura do espirito, mas tambem a do corpo.» (*Dic. de educação e ensino*, pag. 384).

A hygiene pedagogica é hoje preocupação constante de todos os governos civilisados, porque está provado que

ella age decisivamente sobre o desenvolvimento da criança e sobre a conservação de sua saude.

Está hoje provado que o caracter do individuo forma-se mais pela educação physica do que pela cultura mental; sem o concurso d'aquella, esta torna-se improductiva. «A educação mental esclarece o entendimento; a physica adapta todas as potencias physicas, intellectuaes e moraes de cada individuo á funcção plena do papel que lhe seja destinado desempenhar na collectividade.» (These de concurso do Dr. Umbelino Marques, pag. 2).

Não é novo o que acabamos de dizer.

Nos ensina a historia que as nações antigas, que nasceram, floriram e desapareceram, ligavam á educação, principalmente á physica, particular cuidado.

Os persas, povo vantajosamente conhecido, esmeravam-se em dar á mocidade uma educação que a fizesse vigorosa e guerreira: consistia em jogos, gymnastica e exercicios militares.

Os espartanos tambem não desconheciam as vantagens da hygiene na educação das crianças; o sabio Licurgo nas suas leis obrigava a todo cidadão a receber, por meio da cultura physica, uma educação essencialmente guerreira. Por meio d'este systema de educação conseguiu ter um povo vigoroso, intrepido, agil, astucioso e habituado a viver pela patria e para a patria.

Os athenienses, se não se póde dizer que davam á educação physica a mesma importancia que davam os espartanos, todavia entre elles não era olvidada.

Dos povos antigos só entre os romanos, chinezes, hebreus, etc., eram desconhecidas as vantagens da hygiene na educação das crianças; os primeiros, segundo o dizer do illustre higienista Dr. Alfredo Borges, reuniam a sua educação e politica aos meios práticos de auferir lucros de todos e de tudo; os ultimos limitavam-se a uma edu-

cação puramente religiosa, o que fazia que fossem ludibrio e preza de outros povos.

«Entre os povos selvagens o rigor physico é a qualidade por excellencia.»

«Hoje como em todos os tempos, as manifestações da força e de destreza attrahem sempre, e sempre provocam admiração e applauso.»

Como conseguir o desenvolvimento physico?

Por meio da hygiene.

Esta é a questão que preoccupa os principaes hygienistas e pedagogos em todos os paizes.

No Brazil, n'um ou n'outro Estado tem-se procurado fazer alguma cousa em relação ao importante assumpto de que vimos de occupar-nos; n'este, com pezar o digo, nada absolutamente temos feito.

É tempo de fazer-se alguma cousa em relação a este importante assumpto.

A causa é nacional, o objectivo humanitario á salvação da futura geração.

Atravessamos uma quadra de regenerações e reformas; é justo que os nossos novos representantes procurem distanciar-se, por meio de interesse pelo bem do povo, dos antigos que só se preocupavam da politica; e que politica! a que preferia o individuo á collectividade, o interesse de um e poucas vezes o de muitos ao interesse da patria.

D'esta criminosa indiferença nasceu o descalabro da instrucção publica.

No emtanto não é raro ver accusar-se o professorado não só pela sua incompetencia, conto pelos resultados todos negativos que apresenta a instrucção publica; não é raro ver-se accusar o professorado por faltas que não são suas, porque tudo isso é devido á pessima instrucção que recebeu em estebelecimentos do governo, com fiscalisação official, e que estavam muito longe de attingir o seu fim, porque a começar pelas casas onde funcionavam e terminar pelos compendios e methodos adoptados, em tudo se notava a ausencia completa da pedagogia.

É tempo de agir: governo e cidadãos, sem exclusão de classe, nem de politica, cada qual deve concorrer com o seu prestigio e esforços, para ser levado a effeito este grande empreendimento, porque é geral o beneficio.

É incontestavelmente axiomática ser a *hygiene pedagogica* a mais importante de todas.

(Continúa)

OCTAVIO PIRES.

## EDUCAÇÃO PHYSICA

Educação physica é, em resumo, o aperfeiçoamento do corpo, por meio de exercicios methodicos. Ella fortifica a saude, dá destresa e airoso porte, predispõe o espirito para o trabalho.

A sua necessidade é tão manifesta como a da propria educação moral.

Da veracidade d'estes principios genericos, origina-se a necessidade de ampliar o ensino da gymnastica, modificando-se os exercicios até ha pouco adoptados, como fez o ministro da Instrucção Publica da Prussia, no *Novo Guia* que mandou publicar para ser observado nos collegios e escolas normaes d'aquelle paiz.

Spencer, a grande autoridade citada em materia de educação, é o primeiro a condemnar esses exercicios, só apreciados nos *circos*, recommendando de preferencia os jogos proprios da natureza, as carreiras, os saltos e outros que constituem aquillo que se chama — *gymnastica classica*.

A *Revista Britannica*, em um dos seus numeros do anno de 1887, tratou da educação das crianças, revoltando-se contra esse falso methodo, que, «em vez de formar homens robustos, ageis e destros, os faz simplesmente *clowns* ou acrobatas.»

Eis alguns dos conselhos, apresentados pelo jornal citado:

«Devem desenvolver-se simultaneamente na criança a força do pulso, dos musculos e dos rins.

«Para o pulso, trata-se de abrir a mão fechada de uma outra pessoa, acostumando a criança a fazer exercicios de suspensão no braço. A lucta é tambem um bom meio de desenvolver a força dos musculos. Para os rins, devem procurar-se exercicios que obriguem a inclinar o corpo para diante. O costume de servir-se exclusivamente da mão direita, produz na criança um desvio na columna vertebral para o lado esquerdo.

«Para a gymnastica pulmonar, o jornal inglez aconselha o exercicio do canto, a leitura em voz alta e a declamação, como os mais favoraveis meios de desenvolvimento do pulmão.»

Somos tambem das opinões expostas. Não applaudimos essa gymnastica de *circos*; mas esses exercicios que têm por fim corrigir a precoce decrepitude; esses exercicios que têm por fim facilitar o desenvolvimento physico e fortificar a saude, esses exercicios fortes e ao ar livre, tantas vezes quanto fôr possivel, conforme acaba de recommendar com instancia a Academia de Medicina de Paris, esses exercicios nós applaudimos, queremos, admitimos.

A adopção de taes exercicios, d'esses recreios parciais,

ainda não agradam a algumas familias, porque, dizem ellas, enxovalham as roupas e ás vezes occasionam algumas escoriações.

«Si a solitudine podesse servir de attenuante ás reclamações que recebemos (apraz-nos repetir com um pedagogista moderno), se a educação *homicida* que havemos seguido, modelando-nos pelas theorias dos educadores francezes, póde justificar a teimosia rotineira, o bom senso proclama bem alto que mais vale ensaboar ou remendar as roupas, applicar uma ou outra compressa com amica, do que dispender avultadas sommas para debellar a anemia, as nevroses, a tuberculação. E estes serão sempre os fructos da mal entendida economia e do zelo paternal em excesso».

No decidido empenho de evitar esses males empreguemos como antídoto os meios indicados.

Ha ainda outros, tão faceis quão proficuos, não sómente no que diz respeito aos resultados hygienicos, mas tambem quanto a utilidade pedagogica: são as digressões pelos arrabaldes, ou passeios scientificos, pelos estabelecimentos fabrís e officinas de character technico.

«Ninguem póde contestar, diz o illustrado Dr. Joaquim Abilio, que esses passeios sejam de summa utilidade para a conservação da saude e desenvolvimento intellectual, principalmente d'aquelles meniños que são internos nos nossos collegios.

«As vantagens dos passeios pedagogicos são incontestaveis: a sua realisação nos paizes cultos e os resultados constatados provam á saciedade que muito convém vulgarisal-os em nossa patria, onde os nossos meniños se entregam tão precocemente a distracções e passatempos de ordinario prejudiciaes á saude e ao character.»

Na Europa e na grandiosa patria de Lincoln liga-se summa importancia a esse meio educativo e pratico de robustecer o physico do meniño e elevar-lhe o intellecto, despertando-lhe o interesse pelo estudo intuitivo.

Em França ha grande numero de caixas escolares que até offerecem aos alumnos, não sómente transporte gratuito, mas ainda alimentação, quando as excursões collegiaes são feitas fóra das respectivas sédes.

No Brazil mesmo não se tem felizmente de todo olvidado esses valiosos exercicios hygienicos e pedagogicos.

No projecto do Regulamento para execução da reforma da instrucção primaria e secundaria do Rio, apresentada em 1886, pelo provector educador Barão de Macahubas, no desempenho da incumbencia que lhe fez a commissão então nomeada pelo Barão de Mamoré para tratar do assumpto, foi estabelecida a seguinte disposição no capitulo 4.º art. 20:

«Em nenhuma escola haverá trabalho na 1.ª e 3.ª

quintas-feiras de cada mez, as quaes serão destinadas a passeios pedagogicos, em visitas de estabelecimentos publicos ou particulares de industria e artes, ou nos jardins publicos.»

Em 1887 toda a imprensa da antiga cõrte brasileira applaudo com justiça o bom serviço que aos seus discipulos e á sociedade prestava o illustre educador Dr. Alberto Brandão pondo em pratica tão intelligentemente essas interessantes e uteis digressões, e o então ministro da agricultura mandou conceder passagem gratuita na estrada de ferro de Pedro II aos discipulos do mesmo doutor.

Por minha parte estou persuadido que ninguem estranhará que eu reivindique, n'esta occasião para o *Atheneu Paraense*, do qual sou humilde director e fundador, a modesta iniciativa de ter posto em pratica entre nós esse meio educativo—visitando com meus alumnos a Bibliotheca publica, o Instituto de educandos artifices e outros estabelecimentos publicos, assim como diversos arrabaldes da capital, sentindo não ter podido fazel-o regularmente no corrente anno, por motivos que não vem a pello mencionar.

Agora que se procura dar mais positiva e productiva orientação á geração que nos deve succeder, não olvidemos estes e outros exercicios tão faceis, quão beneficos, de preferencia a algumas reformas apparatusas e inexecutableis que nem sempre consultam as nossas circumstancias, não estudam os nossos costumes, nem se coadunam com o nosso meio.

R. BERTOLDO NUNES.

## SCIENCIAS

### NOTAS CHRONOLOGICAS

#### II

ERA CHRISTÃ, CHAMADA VULGARMENTE DO NASCIMENTO DE JESUS CHRISTO.—ERA VULGAR

Depois de concluido o primeiro artigo, encontramos em nossos registros uma interessante questão que, pela data da sua publicação, devia preceder ás outras de que já nos occupamos.

Não vem, todavia, fóra de tempo; e a circumstancia de ser tratada posteriormente, nos faculta o ensejo de adduzirmos algumas considerações mais desenvolvidas sobre um objecto que, por sua importancia, deve merecer a attenção dos leitores d'esta *Revista*.

Eis a questão :

«*A data do nascimento de Christo*. Uma novidade nos chega da Allemanha. A *Gazeta Universal*, de Munich, publica em seu numero de 13 de Março, uma dissertação historica de Satller, professor n'aquella cidade, tendente a demonstrar que a data da era christã está em atrazo de cinco annos. Assim o anno de 1883 viria, em verdade, chamar-se de 1888.

«Venha mais esta agora». (*A Provincia do Pará*, numero 2.100, de 29 de Abril de 1883).

Quando estamos persuadidos da veracidade de um facto notavel ou da época em que tal facto succedeu, sentimos uma revolta em nosso espirito por qualquer asserção que se nos faça em contrario.

Foi o que nos aconteceu, quando, estudando as diversas eras em que antigamente se faziam os registros chronologicos, notamos o desaccordo que ha entre os autores, a respeito do ponto inicial da era christã, que erradamente se confunde com a era vulgar.

O facto do nascimento de Christo está ao abrigo de qualquer duvida; mas a data d'este acontecimento suscitou aos chronologistas calorosa controversia.

É realmente cousa impossivel concordar de um modo positivo a era christã com a era vulgar; falham todos os calculos diante dos enormes anachronismos commettidos pelo arbitrio ou ignorancia dos antigos computistas. Todavia, devendo-se regular o nascimento de Christo pelos annos da criação do mundo, muitos systemas chronologicos foram propostos, em épocas diversas, prevalecendo, porém, o que vigora actualmente, como veremos em seguida.

Fixado o ponto inicial para a contagem da nova era, commetteram-se muitos erros nas computações, de sorte que, no correr dos tempos, encontraram-se differenças de 4, 5, 6, 7, 8 e mais annos nas verificações das datas, conservando-se entretanto taes erros, para não alterar o systema chronologico então adoptado.

Nos primeiros seculos do christianismo, os padres da igreja, os concilios e outras autoridades ecclesiasticas serviam-se das eras que estavam em uso, a saber, a era romana ou da fundação de Roma, a das olympiadas, do cyclo da indicção romana, etc.

Admira que aquellas autoridades deixassem cahir no olvido a data de um facto tão memoravel, como a do nascimento de Christo, o fundador da religião que devia destruir o paganismo, sómente para obedecerem ao antigo costume de contar o tempo.

É mais acceitavel suppor que os padres da igreja, os bispos, etc., ignorassem a data do nascimento ou a de qualquer facto relativo á vinda de Jesus ao mundo, razão

por que não se aventuraram a instituir uma era sob tal fundamento, do que acreditar que elles preferissem á era christã as eras pagãs, para indicar os actos publicos ou particulares do ministerio sagrado.

A primeira hypothese é a unica admissivel para justificar-os d'essa grave falta, que se pretendeu corrigir no VI seculo com a instituição da era de Christo; e tão erradamente foi calculada que deu em resultado a coexistencia de duas eras christãs differentes, uma chamada *vulgar*, outra designada sob a denominação de *era do nascimento de Christo*.

Façamos o historico das eras pagãs que precederam em Roma a era christã até o estabelecimento definitivo d'esta ultima.

Depois da expulsão dos reis, no anno de Roma 245 (509 antes de Christo), os romanos contaram o tempo pelos fastos consulares, isto é, designavam o anno pelo nome do consul em exercicio. Esta maneira de computar os annos cessou no tempo de Julio Cesar, continuando, porém, o consulado até 1294 de Roma (541 depois de Christo), tempo em que foi supprimido.

A medida chronologica então escolhida para substituir a que se regulava pelos fastos consulares, teve por base o primeiro anno da fundação de Roma.

Este grande acontecimento devia perdurar na memoria do povo romano, porque a sua grandeza, glorias e conquistas foram adquiridas principalmente pelo respeito que o poder de Roma impunha a todos os povos do mundo.

A instituição da era de Roma baseava-se consequentemente em um facto bem notavel; mas a data d'este acontecimento não foi calculada com exactidão. As opiniões divergiam a este respeito.

Diziam uns que Roma fôra edificada no anno 700 antes da era vulgar; outros punham o facto no anno 810, no mesmo anno da edificação de Carthago. Não faltaram provas para attribuir aos gregos a origem de Roma depois do cerco de Troia, mais de mil annos antes da nossa era. Chegou-se finalmente a um accordo, collocando-se a fundação de Roma no 4.º anno da VI olympiada (753 annos antes de Christo).

A maneira de contar dos gregos, por olympiadas, periodos de quatro annos, por meio dos quaes regulavam-se os jogos olympicos, tambem foi adoptada pelos romanos.

Além d'estas eras, empregavam elles, desde épocas remotas, o cyclo de indicção, periodo de quinze annos, para regular a cobrança dos tributos. Este cyclo tornou-se de uso vulgar, depois que o imperador Constantino venceu a Maxencio.

«Para perpetuar a recordação das primicias da liber-

dade christã, o concilio de Nicéa ordenou que desde então se notassem os annos com o cyclo da indicção, em logar das olympiadas.

«...Desde o tempo do concilio niceno foi este cyclo muito usado nas datas dos concilios; e ainda hoje se emprega nos diplomas pontificios». (J. F. Pereira, *Comp. de Chron.*)

Nos paizes em que predomina o christianismo a era das olympiadas foi substituida pelo cyclo de indicção romana, cessando o emprego da era grega no anno 395 ou 400 antes de Christo.

Entretanto muitos escriptores continuaram a servir-se d'aquelle antigo meio de computação.

Na idade média a maior parte dos chronographos contavam por olympiadas, como Eusebio, S. Jeronymo, o historiador Socrates, Julio Africano, Jorge Syncello e outros. Alguns d'elles, como diz J. F. Pereira, confundiram o anno civil dos gregos com o anno olympico, fazendo começar um e outro no 1.º de Setembro,

O anno attico ou anno civil dos gregos começava no primeiro novilunio posterior ao solsticio do estio e o anno olympico no plenilunio seguinte, correspondendo este ultimo ao 1.º de Julho proximo. Como os annos julianos da era vulgar romana começavam em Janeiro, resultava d'ahi que o anno olympico e o attico correspondiam, pouco mais ou menos, á primeira metade de um anno juliano e á segunda do seguinte.

Contando-se, porém, de 1.º de Setembro, como se fazia na idade média, as computações atticas e olympicas deviam corresponder a quatro mezes e um anno juliano e a oito do seguinte.

Esta enorme differença nos dá uma idéa bem approximada do estado deploravel em que se achava a chronologia n'aquelles tempos.

Á proporção em que as olympiadas iam cahindo em desuso, foi-se adoptando uma nova era em concorrência com as indicções.

Esta nova era chamava-se de Hespanha ou de Cesar; foi instituida no anno 38 da era vulgar, para commemorar a conquista de toda Hespanha por Augusto, e esteve em uso por muitos seculos em diversos paizes, principalmente na Hespanha, França e Africa, dos quaes foi completamente abolida depois do estabelecimento definitivo da era vulgar.

Em França deixou de ser observada no VII ou VIII seculo; na Catalunha em 1180; em Aragão no anno 1350; em Castella cessou em 1393; e foi abolida em Portugal, onde conservou-se por mais tempo, em 1415, segundo uns, ou 1420, na opinião de outros, no reinado de D. João I.

Podiamos ainda mencionar outras eras que tambem estiveram em uso entre os christãos, como seja a de Abrahão e a dos Selencidas, si não fosse bastante o que deixamos dito para provar que a era chamada christã só foi geralmente empregada em época muito menos remota do que supõe-se.

Tratemos agora da era christã.

No anno 1285 da era de Roma, o monge Diniz Exiguo ou Dionisio, o *Pequeno*, assim chamado por causa da sua pequena estatura, propoz o uso de uma era exclusiva para os christãos, tomando por base o dia do nascimento de Christo, acontecimento succedido no dia 25 de Dezembro do anno 753 da mesma era de Roma, conforme a supposição d'aquelle monge.

Esta era foi chamada primeiramente dionisiana, do nome do seu autor, e calculando-se por ella, o primeiro anno corresponde a 754 da era de Roma, ao primeiro da CXCIV olympiada e a 4000 da era do mundo; e fazendo-se a computação por seculos vem a pertencer ao VI.

A era dionisiana, que mais tarde chamou-se christã, divide-se, como todas as eras em duas partes: a 1.ª conta-se antes do ponto inicial (ordem retrograda); a 2.ª depois d'esse ponto (ordem directa). A era juliana, por exemplo, ou da reforma do calendario romano por Julio Cesar, chamava-se proleptica, quando referia-se aos annos anteriores á sua instituição.

A era christã, no primeiro caso, conta-se *antes de Christo*, e vae até á criação do mundo; no segundo, *depois de Christo*, e continuará até ao fim do mundo, como geralmente se diz.

O nascimento de Christo está collocado como termo médio entre o principio e o fim do mundo.

Sobre o primeiro termo a chronologia ainda nada determinou de positivo; quanto ao segundo, foi, é e será a eterna incognita dos calculos de todos os Nostradamus antigos, presentes e futuros.

Todos dizem, e muitos com plena convicção, que Jesus Christo nasceu no anno 4004 depois da criação do mundo, e que desde o primeiro anno do nascimento de Christo até o presente tem decorrido 1891 annos. Mas o que bem poucos sabem é que a data do nascimento de Christo não é positivamente chronologica, isto é, não está indicada segundo a ordem natural da successão dos factos, e sim convencionalmente, porque ninguem sabe com certeza quando Jesus Christo nasceu.

Seria impossivel estabelecer-se um perfeito accordo no meio d'esse grande numero de eras empregadas simultaneamente, divergentes nos computos e alteradas por successivas reformas, si, na maioria das vezes, as conven-

ções e as hypotheses não rectificassem os erros produzidos pela enorme confusão em que se achava a chronologia n'outros tempos.

A era proposta por Exiguo não foi logo adoptada, como vimos, e muitos povos reluctaram por muitos seculos em admittil-a, pois só do seculo XIV em diante é que ella ficou estabelecida em toda a christandade.

Mas com o decurso dos tempos, e quando a era christã já estava generalisada, fizeram-se novos calculos para verificar-se a data do nascimento de Christo, e reconheceu-se que a era proposta por Exiguo tinha um atrazo de quatro annos.

«Mas a era proposta por Diniz não ficou ajustada com a época do nascimento de Christo. Este acontecimento memoravel succedeu, na opinião de Usset, no anno 4000 depois da creação do mundo, e quatro annos antes da era instituida por Exiguo. O uso, porém, prevaleceu ás demonstrações da sciencia, e continuou a ser empregada conforme Diniz a havia estabelecido». (J. F. Pereira, *Comp. de Chron.*)

Usher, Usset ou Ussetius, bispo irlandez, propoz, no anno 1650, que se contasse a era christã do anno 4000 da creação do mundo, pois, na sua opinião, o nascimento de Christo succedeu quatro annos antes da data fixada por Exiguo. Contando-se esta do anno romano 755, ha necessariamente um atrazo de quatro annos, pois, segundo Usset, Christo nasceu no anno 750 da era de Roma. Prevalecendo, porém, o uso de contar-se a era christã pelo calculo de Exiguo, commetemos um anachronismo, indicando o nascimento de Christo em data differente d'aquella em que suppõe-se ter acontecido aquelle facto.

A opinião de Usset tem sido acatada por muitos historiadores; mas não tem obtido o consenso unanime dos chronologistas. A controversia sobre a data do nascimento de Christo labora no vasto campo das demonstrações scientificas, emudecendo, porém, diante da conveniencia de uma chronologia uniforme, ou por causa do respeito ao uso consagrado pelo tempo.

A differença entre os dois modos de indicar as datas não se limita sómente a quatro annos, eleva-se a 4, 5, 6, 7 ou 8, como o attestam as seguintes citações:

«Tendo-se introduzido o uso de marcar as datas pela era christã, só 500 annos depois do nascimento de Christo, commetteu-se então um erro de seis annos, havendo esse grande acontecimento occorrido no anno 6 antes d'aquella que foi fixado. Quando, porém, mais tarde se reconheceu o engano; deixou-se de substituir, para não causar uma grande perturbação em toda a chronologia». (Dr. Cunha Belem, *Hist. Sagrada*).

«O nascimento de Christo finalmente não está ainda bem determinado, porque, além das datas acima apontadas, ainda alguns autores, e modernamente Isambart, dizem, segundo S. Lucas, que Jesus Christo nasceu do anno 7 para o anno 8 da nossa era. Comtudo concordam todos em que estas incertezas não são bastantes para que se mude a era que continua geralmente seguida». (Carlos Eugenio C. da Silva, *Chronologia*).

Em umas «Lições elementares de Geographia e Chronologia», edição de 1830, admittidas no *Real Collegio das Artes da Universidade de Coimbra*, encontramos a seguinte nota:

«O nascimento de Jesus Christo aconteceu, segundo Usset, a quem seguimos, no anno 4000 da era do mundo e quatro antes da era vulgar, a qual, por um erro do seu autor (Dionisio Exiguo no seculo VI), não ficou certa com o nascimento de Jesus Christo, como fôra o seu verdadeiro intento. É, pois, realmente differente a era vulgar christã ou do nascimento de Jesus Christo, da era verdadeira, segundo Usset. Advirta-se, porém, que sobre este objecto ha muitas e mui variadas opiniões».

Na realidade sendo incalculaveis as differenças entre a data do nascimento de Christo e a da creação do mundo, como veremos mais tarde, adoptou-se a proposta de Usset por ser a que menos differe da época marcada por Exiguo.

Mas, referindo-se tanto um como outro ao nascimento de Christo, é absurdo admittir-se *duas eras christãs*, porque não é possivel conceber-se que Jesus Christo nascesse duas vezes. Para haver distincção entre as duas eras, chama-se uma *vulgar* e a outra *christã* ou *era do nascimento de Christo*.

E qual é a verdadeira?

Como sobre a era vulgar, que é a geralmente usada, não ha divergencia alguma, deixaram-se para a era christã todas as contestações havidas e por haver.

Calculando-se o anno actual pelas duas eras, segundo os dados precedentes, temos:

Era vulgar	Era de christo	Calculo de:	Differença
	1895 . . . . .	Usset . . . . .	4
	1896 . . . . .	Satler . . . . .	5
1891 . . . . .	1897 . . . . .	Dr. C. Belem . . . . .	6
	1884 . . . . .	Isambert . . . . .	7
	1883 . . . . .		

A conversão do anno da era vulgar em anno da era de Christo, segue a ordem inversa ou retrograda para os calculos de Usset, Satler e o Dr. Cunha Belem, porque é preciso contar, conforme o respectivo calculo, mais 4, 5 e 6 annos antes da era vulgar, considerada como fixa.

N'esta hypothese, o calculo de Isambert segue a ordem directa, porque, para effectuar-se a conversão, tem-se de contar 7 ou 8 annos depois do primeiro anno da era vulgar.

Para melhor esclarecimento, basta observar-se que as differenças para menor acham-se contidas no espaço comprehendido entre o ponto inicial da era vulgar e o primeiro anno da era christã proposta; ao passo que as differenças para mais excedem ao ponto inicial da era vulgar, sendo preciso contar para traz d'esse ponto o numero dos annos excedentes, afim de obter-se o accordo entre as duas eras.

Fazendo-se a comparação das eras christãs propostas, umas com as outras, vê-se que a differença entre ellas é tanto maior quanto mais as ditas eras se afastam inversamente do ponto inicial da era vulgar.

Assim, a era proposta por Isambert differe successivamente das outras tres em 12, 13 e 14 annos.

A que estado ficaria reduzida a chronologia, si se pretendesse corrigir os erros que ha tantos seculos subsistem em nossa maneira de contar os annos?!

Convencionou-se que era melhor conservar a nossa era mesmo errada do que introduzir-lhe mais confusões pela razão de ajustal-a com a data do nascimento de Christo, a qual não está definitivamente determinada.

Em nosso terceiro artigo, ainda em referencia ao assumpto, trataremos da era do mundo ou mundana.

(Continúa).

SEVERIANO BEZERRA D'ALBUQUERQUE.

## ASSUMPTOS GRAMMATICAES

### ADVERBIO

«Todo o adverbio — dizem os grammaticos — é a concentração de uma preposição com o seu consequente.»

O Dr. Carneiro Ribeiro, acostando-se á autoridade de Sanches, Desmarais, Girard, Domergue, Boivinliers e Harris, combate esta doutrina, que é a mais geralmente seguida, dizendo que: se o adverbio é a concentração de uma preposição com o seu consequente, n'este caso, pela reciproca, deve admittir-se que todo o adjuncto adverbial analytico deve ser considerado como adverbio, assim como as variações pronominaes, as contracções *ao, á, do,* etc.

Esta razão não prevalece, porque nem sempre a reciproca de uma preposição tem a mesma extensão d'ella, podendo uma preposição ser verdadeira, e a sua reciproca

ser falsa, como acontece em «Todo o homem é mortal» e «Todo o mortal é homem».

Póde portanto affirmar-se que todo o adverbio é a concentração de uma preposição com o seu consequente, sem que d'ahi se infira que toda a preposição com o seu consequente é um adverbio.

E é o que se dá no caso presente, pois temos complementos e até orações adverbias, que entretanto não são adverbios.

Exemplo: «*Depois de subirem a encosta,* o cavalleiro negro e os que o seguiam viram alongar-se *diante d'elles* uma chapada plana, *em cujo topo* a serra se alteava de novo *com os seus mil accidentes,* etc.» (Alexandre Herculano — *Eurico*).

VILHENA ALVES.

Vigia, 1 de Fevereiro de 1884.

Ill.<sup>mo</sup> Sr. Professor Severiano Bezerra d'Albuquerque. — Não sei se V. S.<sup>a</sup> ainda é hoje amante das bellezas do céu — de céu astronomico — do céu de Galileu, de Kepler, e Newton. Muitas vezes, com o correr dos tempos, e mesmo obrigados pelas circumstancias, pômos de parte certa ordem de estudos, para nos dedicarmos a outros que estejam mais em harmonia com as *realidades* da vida. Eu, por exemplo, que outr'ora vivi de illusões e andava sempre cortejando as musas, abandonei-as completamente, e posso affirmar-lhe que hoje até as detesto.

Si, porém, V. S.<sup>a</sup> não fez o mesmo com a Astronomia, que n'este pequeno torrão nos ministrava assumpto inexgotavel para as nossas ricas e para mim saudosas palestras de outros tempos, — permitta que na presente lhe fale d'essa divina sciencia, visto não poder ter o prazer de expôr-lhe de viva voz as minhas duvidas sobre alguns pontos de que passo a tratar.

Mas antes de tudo chamo a sua attenção para os tres bellissimos planetas — Venus, Marte e Jupiter, — que presentemente ostentam-se no céu com extraordinario esplendor — o primeiro do lado do occidente, e os outros dois do lado do oriente. Jupiter tem estado magnifico — tão brilhante, ou mais talvez, do que Venus. Marte, um pouco avermelhado, apparece tambem com uma luz vivissima, perto de Jupiter.

Não ha actualmente estrella alguma que se avanteje em brilho e em belleza a estas terras celestes.

Infelizmente os homens, preocupados com as misérias da vida, nem sequer levantam os olhos para admirar as obras da Natureza.

Não. Engano-me. Elles olham para o céu, mas é para contemplarem o cometa, não com o fim de estudal-o

cientificamente, — o que nem todos podem fazer, — ou de deliciar o espirito perante as louçanias d'esse viajante do espaço, que anda, desgrenhado, buscando o Sol como a borboleta procura a luz que a attráe; e sim para deciframos no astro errante os mysterios do futuro, considerando-o como um prenuncio dos castigos de Deus.

Pobres de espirito! O maior castigo que elles soffrem, é o que fulminam a si proprios, aterrorisando-se com os desvarios d'uma imaginação enferma...

Li algures que este cometa foi visivel para a terra em Setembro do anno proximo findo.

Se assim é, já passou pelo perihelio, devendo ainda ser visivel até Março. Leva portanto seis mezes a mover-se nas *visinhanças* da Terra.

Li tambem que elle é immenso — e até o maior que se tem observado n'estes ultimos tempos. N'esta hypothese, o novo Titan que anda a escalar o céu reduzindo a estilhaços, em sua passagem, o crystal do velho firmamento, — deve ter o perihelio muito distante do Sol, pois que, visto da Terra, apenas póde ser observado, á vista desarmada, como uma pequena nebulosa. Ao menos, foi o que se notou d'esta cidade em algumas noites do mez de Janeiro.

\*  
\* \*

Vamos agora ás minhas duvidas.

A primeira versa sobre o centro de attracção do nosso Sol. Ensinam os astrónomos que este centro é uma das estrellas da constellação de Hercules.

Eis o que diz o dr. Pedro de Abreu: «Tem dois movimentos (o Sol), um em redor do eixo e outro de translação *em direcção á constellação de Hercules.*»

E Burgain: «Gira sobre si em 25 dias e 12 horas, e tem um movimento de translação *para a constellação de Hercules.*»

E Camillo Flammarion: «Actualmente o Sol se dirige com grande velocidade *para as estrellas da constellação de Hercules.*»

O mesmo ensinam Guillemin, Cortambert, o padre Secchi, etc. — E d'este facto, que hoje parece incontestavel, em vista do accordo que ha entre os sabios, concluem estes, — que o centro de gravitação do Sol é uma estrella de Hercules.

Eis o argumento em fórma escolastica: O Sol dirige-se para a constellação de Hercules; logo é ahi o seu centro de attracção.

Ora, esse *logo* para mim, não é concludente, senão na hypothese de ser a orbita do Sol uma ellipse muito alongada, como a dos cometas. Eu me explico.

Supponha o meu illustre amigo que essa orbita é cir-

cular, ou uma ellipse quasi circular como a dos planetas do nosso systema. Imaginando no centro d'esse circulo, ou n'um dos fócios d'essa ellipse, a estrella de Hercules, e o nosso Sol girando-lhe em torno, sujeito á attracção da mesma, — está claro que elle *não se dirige* para essa estrella, nem ainda para a respectiva constellação, como dizem os astrónomos, mas em seu movimento conservar-se-ia á mesma distancia, ou quasi á mesma distancia, segundo fosse a fórma da orbita — circular ou ellipsoide.

Como conciliar a existencia de uma orbita, circular ou pouco menos, servindo de *caminho* ao nosso Sol ao redor da estrella de Hercules — com a direcção do mesmo para essa estrella? Como julgar que *se dirige* para o centro de um circulo quem lhe segue a circumferencia?

Figuremos agora a hypothese de ser a orbita do Sol uma ellipse muito alongada. Parece que, sómente n'este caso, se poderia dizer que o nosso astro central se dirige para a constellação de Hercules, considerando uma estrella d'esta como o seu centro de attracção: do mesmo modo que um habitante da estrella *alpha* do Centauro, si podesse ver um cometa de orbita alongada dirigindo-se para os dominios do systema solar, poderia dizer que elle tinha ahi o seu centro de attracção.

Que diz a isto sr. professor?

\*  
\* \*

A minha segunda duvida é sobre os meridianos. Sabe-se que o meridiano terrestre é um circulo maximo que passa pelos polos. N'isto todos os auctores são accordes.

Tratando, porém, dos povos pericécios, dizem: «Pericécios são os povos que vivem na mesma latitude, quer ao norte, quer ao sul, mas debaixo de *meridianos oppostos.*»

O que entende V. S.<sup>a</sup> por *meridianos oppostos*?

Concebe-se perfeitamente que um arco de qualquer meridiano seja opposto a outro arco do mesmo meridiano; porém meridianos oppostos!

Gaultier dá, como povos pericécios, os do Mexico e de Surate. Consulte-se, porém, um globo terrestre, e ver-se-á que estas duas cidades estão sob o mesmo meridiano (pouco mais ou menos), comquanto em arcos oppostos do mesmo. Para nos convencermos d'isto, basta collocarmos uma d'ellas debaixo do meridiano de metal.

Desejava que V. S.<sup>a</sup> me desse a sua opinião franca sobre este ponto.

\*  
\* \*

*Terceira duvida.* — Todos os auctores, desde Guillemin, Flammarion e Figuiet, até os humildes compila-



dores de compendios para uso das escolas, dão as viagens á roda da Terra como prova da redondeza d'esta, e até como a melhor de todas as provas.

Pois, meu caro professor, ou eu me engano muito, ou essas viagens não provam o ponto em questão.

Supponha V. S.<sup>a</sup> a Terra — não redonda — mas quadrilonga, ou com qualquer outra fórma que queira imaginar: do mesmo modo se viajaria em redor d'ella.

O que me parece que provam essas viagens, é o *isolamento da Terra no espaço*, e não a sua redondeza.

Com effeito, se a Terra não estivesse solta no espaço, *si se prolongasse indefinidamente para baixo*, como acreditavam os antigos, Magalhães não poderia voltar ao ponto d'onde partio, tendo-se dirigido constantemente para o occidente. *Não teria por onde passar*, e voltaria pelo mesmo caminho já percorrido. . .

Havendo tantas provas da redondeza do nosso planeta, taes como o círculo do horisonte visual, a sombra da Terra na Lua, a analogia com os outros planetas, o deslocamento apparente das estrellas caminhando-se em direcção aos polos e vice-versa, e a differença de horas para os diversos lugares, — não seria melhor classificar as viagens de circumnavegação entre as provas do isolamento da Terra no espaço?

\*  
\* \*

Posso estar enganado em minhas opiniões; posso ter comprehendido ou interpretado mal as doutrinas dos sabios; é muito provavel mesmo que assim acontecesse, pois não tenho aqui para consultar senão os meus livros. Isto, porém, em nada me desabona, creio eu; antes parece ser uma prova do desejo ardente que nutro de aperfeiçoar o meu espirito e desenvolver a minha intelligencia.

Am.<sup>o</sup> e att.<sup>o</sup> Cr.<sup>o</sup>

F. F. DE VILHENA ALVES.

---

## LITTERATURA

### SURSUM CORDA

#### PARTE PRIMEIRA

#### I

Tinham soado as duas horas da madrugada de um dia de Novembro. Na rua não se ouvia o menor ruído. Acabara cinco minutos antes, de cair uma prolongada ba-

tega d'agua que teria levado para longe do local, a abrigar-se em qualquer cortiço conhecido, a ronda policial que era para ali despachada. Os combustores de gaz, cuja luz resistira á copia da chuva e ás fortes rajadas de vento que a precederam, davam de espaço a espaço uma claridade mortiça, que reflectia baçamente nos vidros das janellas das casas terreas que lhes ficavam fronteiras.

Á porta d'uma d'estas, que se abrira cautelosamente, uma cabeça estendida em breve attitude de observação em ambas as direcções da rua desapareceu n'um instante, para reaparecer um momento após, mais prescrutadora que antes. Passados alguns segundos transpunha a rua, a passo apressado, um homem bem trajado, sobraçando um embrulho, cujo volume faria adivinhar uma rede de fio. Desceu a rua Nova, e desapareceu no largo de Palacio, que estava mergulhado em trevas. A casa de onde saíra recaíu no seu anterior silencio. Nem uma luz indicava o menor movimento lá dentro áquella hora da manhã.

Não tardou que o cantar do gallo de longe em longe repetido e correspondido em pontos distantes e contrarios annunciasse o alvorecer.

O bulicio do dia encetado pelo monotono transitar dos *bonds* de carnes verdes avultava e distinguia-se cada vez mais, no pesado caminhar das vaccas de leite denunciado pelas campainhas chocalheiras pendentes das largas colleiras de couro, no cantado palrear das vendedeiras que carregavam para o Mercado grandes balaies de legumes e fructas que faziam a especialidade do seu negocio.

Era limpido o céu da manhã, que de uma suave frescura convidava o levantar, para gozar-se d'uma temperada atmosphaera deliciosa predispositora do corpo para o trabalho do dia.

O sol começava a dardejar os seus raios sobre as cumieiras das casas altas do bairro commercial.

Um a um iam-se abrindo os estabelecimentos, que começando pelas mercearias, acabava pelos bancos e repartições publicas, pondo no movimento quotidiano a cidade inteira.

Vendedores de jornaes primeiro, de loterias e outros objectos e generos depois entravam de apregoar o seu negocio, n'uma desharmonia implicate de diapasões, transitando em todos os sentidos, n'uma agitação febril e cuidadosa ao mesmo tempo.

As cosinheiras, de balde no braço, com ramos de jasmims pregados no cabello, asseiadamente vestidas de saia e casaco brancos de neve, na quasi totalidade, calçadas de vistosas chinellas, em que entra apenas metade do pé, affluem ao Mercado a fazer as compras. Os caixeiros e alguns patrões dirigem-lhes na passagem apimentados mo-tejos, aos quaes algumas, para não serem indifferentes,

respondem revirando os olhos, com um sorriso brejeiro, e outras mais faceis que aquellas, formalisando-se n'uns tregeitos altivos e impertigados, acodem n'um estudado *axi*, dilatando o labio inferior n'uma expressão de desdem. E lá vão rua a diante, n'uns meneios feitos para provocar, esconjurando os engraçados que as galanteiam, n'umas cantadas phrases, que ellas fazem questão de dizer bem alto, para que todos os que ouvem fiquem sabendo que não dão confiança.

— Olha o coati! sou preta, mas preta que me lavo, diz uma mulata toda rescendendo a preperioca, a quem o caixeiro d'uma loja dirigio um gracejo.

— Uai, nha Raymunda, o que antão elle disse!?

— Lá sei. 'Stes branco são . . . gentes . . . Commigo mesmo que elles não se arranja . . .

— É bem. O que elles quer é fazê mal. Vigie a Ritinha da tia Justa . . .

Esta Ritinha é uma creoula de dezeseis annos, de altura regular, bem modelada de corpo, de bello rosto redondo, onde os olhos de bastas e compridas pestanas, largamente rasgadas, brilham scintillantemente, com as pupillas negras como o azeviche. É filha da tia Justa, uma afamada tecedeira de redes, que tem a freguezia de quasi todas as lojas da rua de Santo Antonio. Nos misteres de redeira sae á rua constantemente, com as raparigas da casa, para trazer as redes aos freguezes e levar fio e punhos para executar nova encomenda.

Quando chega á loja, os caixeiros perdem logo a attenção que têm pelos compradores, n'um quasi gaguejar de não terem d'outra fazenda, nem poderem vender aquella mais barato, de maneira a despedil-os o mais depressa possivel, para se dedicarem inteiramente á *fregueza*, nome por que é conhecida na casa. Mal aquelles têm saído, e o patrão está fóra, dão de attender á recém-chegada, a quem fazem um montão de perguntas maliciosas, beliscando-a repetidamente nos braços e dando-lhe leves piparotes nas faces. Primeiro que desarrumem o fio e o pesem, dando a nota do número de redes a fazer e a quantidade de fio em libras para cada uma, é uma eternidade. Ella bem reclama pela demora, pedindo que a aviem, que tem o que fazer, e sua mãe lhe prega um sermão por não andar ás horas. Mas elles comprazem-se da sua presença ali, e por isso não ha pressa, repetem a cada reclamo da rapariga, prodigalizando-lhe affagos que ora a enternecem, fazendo-a rir abandonadamente, ora a desorientam e a fazem querer ir-se embora n'um instante.

Mal chega, porém, o patrão, tudo se faz n'um momento, com a presteza costumada do serviço sob as suas ordens. Por ser sisudo diante de seus empregados, o dono da casa não tem a menor amabilidade para a dengue rapa-

riga, que vae saíndo a desafiar-lhe o commettimento de um peccado, com o seu modo airoso e tentador de donzella formosa a espocar de seiva e de frescor. Não deixa, porém, de seguil-a com o olhar até quando ella se tem perdido na rua da Trindade, ficando-se depois do lado de fóra da porta, a concertar a exposição das chitas que symmetricamente se acham dispostas, presas a pregos cravados nos humbraes das portas e na parede da rua.

Nas faces lê-se-lhe o confrangimento que lhe vae no coração depois de ter visto assim a Ritinha. Elle tem por ella especial predilecção, por mais de uma vez denotada em presença dos empregados, que a distinguiam por entre as simulações de indifferente gravidade em que o sorprendiam quando elle fazia o pagamento das redes tecidas e fazia o encontro da conta de miudezas que as redeiras tinham na loja, lá dentro, n'um pequeno compartimento gradeado de madeira, onde tem a burra e a escrevaninha.

O caixeiro Lopes, vivo rapazote que andava sempre na besbilhotice, por ouvir as conversas do patrão com a *fregueza* e vir depois referil-as aos companheiros mais velhos, accomodava-se n'uma arrumação qualquer, perto do escriptorio, escondendo-se entre os lotes de morins e riscados, em silencio, com o ouvido á escuta e os olhos inquietadores das respostas laconicas e inexperientes da rapariga. Quando o patrão dava com elle, desenvolvia-se n'uma verdadeira azafama a bater pacotes e a arrumal-os, n'uma consagração exclusiva áquelle trábhalho, mostrando nada mais haver que pudesse prender-lhe a attenção.

A sós com os companheiros, narrava com um interesse particular por ser agradavel, d'um agrado todo officioso, as revelações que ouvia o patrão fazer á redeira. Tinha-lhe ouvido mil protestos de a proteger, de não lhe faltar com cousa alguma, se ella cedesse aos seus rogos.

— Ali anda marosca, retorquia o Barros, o caixeiro mais velho da casa. Mas eu lhe arranjo a cama. A pequena não ha de ser tão desmiolada, que dê cavaco sério a todos ao mesmo tempo. Eu já botei a minha isca, e ella não n'a enjeitou. Por isso, veremos; eu cá não deixo passar camarão pela malha.

E dizia isto n'um tom autoritario, possuido do seu valor, e convencido de que não tinha posto o pé em ramo verde, como costumava rematar a narração das suas proezas de conquistador.

Depois, ficava-se largo tempo apprehensivo na posição independente do seu rival, na falsidade da Ritinha e na sua propria situação.

Um escravo do trabalho para ganhar o pão de cada dia, sujeito ás ordens de um senhor, não tinha, na realidade, motivos para ostentar os seus caprichos. Elle bem sabia que a menor imprudencia para hombrear com o

patrão o punha no andar da rua. E as cousas estavam bicudas. Não era tempo de ter desejos violentos assim, porque não estava em condições de satisfazê-los. Verdade era que, como diz o dictado, *mais vale um gosto, que seis vintens na algibeira*. Mas elle já conhecia os dentes da necessidade, que mordiam bem fundo, quando andava a quebrar esquinas, sem dez tostões pr'a um almoço; á busca de emprego, e por isso levasse o diabo paixões, que com o logar que occupava no estabelecimento estava habilitado a tirar a sorte grande mais dia menos dia, com uma sociedade dada pelo patrão nos lucros da casa, em recompensa dos seus bons serviços.

E começava a fazer as contas consigo mesmo.

— O negociosito aqui rende o seu bocado. Com uns trinta por cento, pelos menos, posso juntar o meu capital, e não estou livre até de comprar a loja ao seu Barbosa d'aqui a poucos annos. Eu por agradar não perco nada. A feiticeira da rapariga anda-me a pôr o juízo no ar, e pode botar-me a perder. Depois, era uma vez; ahi fico eu a *descontar letras*, sem ter até com que comprar meia onça de tabaco. Nada, deixar lá o patrão botar o seu anzol, que tem com que o botar, e a mulata que se arranje.

Não lhe faltariam pequenotas de truz, quando elle alcançasse a invejavel posição do seu Barbosa.

Parecia tomar uma deliberação decisiva. Nem mais um gracejo á *fregueza*. Em primeiro logar estava o seu futuro, que por tantos riscos tem já passado, e que não deve fazer perigar agora, que as cousas lhe correm como nunca. Quem corre, cança. Não convinha abusar da fortuna que o afagava, para que não visse desfeitos, como bolhas de sabão ao menor sopro do vento, os castellos que edificava na sua phantasia, com o auxilio das auras protectoras que lhe embalavam a vida presente. Mulheres não faltam. Lia frequentes vezes nas gazetas que a estatística das mulheres absorvia dous terços da população em todo o mundo; isso o levava a não fazer gallo doido por uma só, que, valha a verdade, não era cousa de espantar a ninguem. Lá os olhos eram bem bregeirotos; e os modos d'ella não se comparavam com os de qualquer outra das que andavam por ahi em identicas circumstancias. Pequena recolhida e bem tratada, não tinha esses conhecimentos de typos vadios, que vivendo só no namoro, rara vez deixava de ser immolada á cupida saciedade dos seus desejos deshonestos. Porque o namoro era aquillo mesmo; andarem dias e dias atraz d'uma hora pr'a se falarem juntos, e o final não variava: era queda certa. Elle, se tivesse filhas algum dia, não havia de admittir que ellas andassem escondendo os seus amores; via se a catadura do rapaz se podia dar com a sua, e então da porta a

dentro é que se conversava; lá, sabia elle o que faziam. Mas se o marreco não servia, uma tranca lhe valesse, que fosquinhas elle não havia de continuar a fazer.

Punha-se a pensar em tudo aquillo, n'uma profunda meditação, delineando planos, architectando obras, phantasiando mil e uma cousas suas adquiridas pela posição de logista, que nunca perde no negocio.

Cuidava em impor uma certa respeitabilidade áquelles que lhe ligavam uma vaga importancia, tratando-o de resto; fazer-se valer pelos seus bons serviços de caixeiro, para obter o que quasi todos obteem na sua carreira: uma sociedade nos lucros. Depois, seria muito mais bonito e mais honroso casar-se, constituir familia e viver para ella, feliz com o seu affecto, satisfeito por ter moralmente cumprido a missão do homem na sociedade.

O celibato impunha-se-lhe como um erro, e o concubinato como um crime ignobil, só digno d'um depravado, para quem as leis penaes deviam estabelecer rigorosa punição.

(Continúa)

ALFREDO SOUSA.

## INSTRUÇÃO PUBLICA

### ACTOS DO GOVERNO FEDERAL

#### EXAMES DE PREPARATORIOS NOS ESTADOS

Ao Sr. Delegado dos exames geraes n'este Estado, foi dirigido, pelo Inspector Geral, o seguinte officio:

Inspectoria Geral da Instrução Primaria e Secundaria da Capital Federal dos Estados Unidos do Brazil, 1 de Setembro de 1891 — Sr. Delegado Especial da Inspectoria Geral da Instrução Primaria e Secundaria da Capital Federal no Estado do Pará. — Por aviso de 8 de Julho ultimo, o Ministerio da Instrução Publica, Correios e Telegraphos declarou que, por força do Decreto n.º 981, de 8 de Novembro de 1890, desapparecem *ipso facto* os delegados especiaes d'esta Inspectoria Geral nos Estados, e que, quanto aos exames de preparatorios feitos nos Institutos dos mesmos Estados não poderão ser elles accetos nos cursos superiores da Republica, se faltarem a taes Institutos os requisitos exigidos pelo Decreto n.º 1.389 de 21 de Fevereiro do corrente anno, para validade dos seus exames.

Dando-vos communicação d'esta decisão do Governo, só me resta agradecer-vos, em nome da Inspectoria Geral, os bons serviços que prestastes, e o zelo com que procu-

rastes corresponder á confiança do Ministerio da Instrucção Publica. — Saude e Fraternidade. — Dr. *B. Franklin Ramiz Galvão*, Inspector Geral.

\*  
\* \*

O Decreto n.º 981, de 8 de Novembro de 1890, supra referido, approva o Regulamento da Instrucção Primaria e Secundaria do Districto Federal.

\*  
\* \*

Decreto n.º 1.389, citado no mesmo officio acima:

O generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisorio constituído pelo Exercito e Armada em nome da Nação, tendo em consideração o que lhe expoz o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios na Instrucção Publica, Correios e Telegraphos, sobre a vantagem de tornar-se extensiva aos institutos de ensino secundario dos Estados o disposto no art. 430.º do Decreto n.º 1.232 *F*, de 2 de Janeiro do corrente anno, decreta:

Art. 1.º São validos para a matricula nos cursos do ensino superior os exames de preparatorios feitos nos cursos officiaes de ensino secundario dos Estados.

Art. 2.º Para esse effeito, taes exames se deverão regular pelo programma em vigor no Gymnasio Nacional.

Art. 3.º Fará parte da commissão examinadora um professor nomeado pelo director do estabelecimento de instrucção superior, que existir no Estado e, não havendo, pelo professor para isso commissionedo pelo governo federal.

Art. 4.º O professor de que trata o artigo antecedente, além de tomar parte na arguição e no julgamento das provas, findos os trabalhos, os exporá ao governo federal em relatorio circunstanciado.

Art. 5.º O governo se reserva o direito de tirar ao estabelecimento, que tornar-se não merecedor d'ella, a prerogativa de que se trata.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos, assim o faça executar.

Palacio do Governo, 21 de Fevereiro de 1891.—  
*Manoel Deodoro da Fonseca*.

Art. 430.º do Decreto n.º 1.232 *F*, de 2 de Janeiro de 1891, a que se refere o decreto supra:

«A datar de 1891 os exames dos referidos preparatorios serão feitos no Gymnasio Nacional ou nos Gymnasios particulares a este equiparados por decreto do governo, ou nos cursos annexos ás Faculdades de Direito

que para esse fim serão reorganisadas segundo as disposições adiante mencionadas».

No proximo numero começaremos a dar o programma exigido no art. 2.º do Decreto n.º 1.389, que acima publicamos.

## LYCEU PARAENSE

### CURSO INTEGRAL DE LETTRAS E SCIENCIAS

Em principios do mez ultimo passado, a Directoria Geral da Instrucção Publica submetteu á approvação do governo um projecto de reorganisação do Lyceu Paraense, cujo plano proposto é o mesmo do Gymnasio Nacional, na capital da União.

Deu motivo a esta proposta a ultima deliberação do governo federal, extinguindo as delegacias geraes de preparatorios, nos Estados, e aceitando para as matriculas nas academias da Republica os exames feitos nos estabelecimentos publicos de instrucção secundaria, concertados segundo o programma lectivo do referido Gymnasio.

De 1896 em diante, só poderão matricular-se nos cursos superiores os alumnos que tiverem caminhado cyclicamente no plano que em seguimento descrevemos.

## CAPITULO II

### CURSO INTEGRAL DE LETTRAS E SCIENCIAS

Art. 8.º—O curso integral de lettras e sciencias constará das seguintes cadeiras:

- 1.ª cadeira — Lingua portugueza.
- 2.ª » — » franceza.
- 3.ª » — » ingleza.
- 4.ª » — » allemã.
- 5.ª » — » latina.
- 6.ª » — » grega.
- 7.ª » — Arithmetica e Algebra.
- 8.ª » — Geometria preliminar, especial, descriptiva e Trigonometria.
- 9.ª cadeira — Geometria geral, Calculo, Mechanica e Astronomia.
- 10.ª » — Physica e Meteorologia, Chimica mineral e Mineralogia.
- 11.ª » — Geologia, Zoologia, Botanica e Biologia.
- 12.ª » — Litteratura pratica, Sociologia e Moral.
- 13.ª » — Geographia geral e Corographia do Brazil.
- 14.ª » — Historia universal e particular do Brazil.
- 15.ª » — Musica.
- 16.ª » — Desenho.
- 17.ª » — Gymnastica, evoluções militares e esgrima.

Art. 9.º—Estas diversas cadeiras ficam distribuídas pelos sete annos do curso, da maneira seguinte:

#### Primeiro anno

*Portuguez*—Estudo completo da grammatica. Exercícios de redacção (com auxilio ministrado pelo lente): tres horas por semana.

*Francez*—Grammatica elementar; leitura e traducção dos autores faceis. Versão de trechos simples de prosa. Exercícios de conversação: tres horas por semana.

*Latim*—Grammatica elementar. Versão, leitura e traducção de autores faceis: tres horas por semana.

*Arithmetica* (estudo completo): tres horas por semana.

*Geographia physica*, especialmente do Brazil; exercicios cartographicos. Noções concretas de astronomia: tres horas por semana.

*Musica, Desenho e Gymnastica*: tres horas por semana.

#### Segundo anno

*Portuguez*—Grammatica historica. Exercícios de composição: tres horas por semana.

*Francez*—Revisão da grammatica elementar; leitura e traducção de autores gradualmente mais difficeis. Exercícios de versão e conversação: tres horas por semana.

*Latim*—Revisão da grammatica. Versão, leitura e traducção de prosadores gradualmente mais difficeis: tres horas por semana.

*Algebra* (estudo completo): tres horas por semana.

*Geometria preliminar e Trigonometria rectilinea*: tres horas por semana.

*Geographia politica e economica*, especialmente do Brazil. Exercícios cartographicos. Estudo completo da astronomia concreta: tres horas por semana.

*Musica, Desenho e Gymnastica*, para cada disciplina duas horas por semana.

#### Terceiro anno

*Francez*—Grammatica complementar. Traducção de auctores mais difficeis. Exercícios de versão e de conversação (estudo completo): duas horas por semana.

*Latim*—Versão, leitura e traducção de autores gradualmente mais difficeis (estudos completos): duas horas por semana.

*Inglez ou Allemão*—Grammatica elementar. Traducção, leitura e versão faceis. Exercícios de conversação: tres horas por semana.

*Geometria especial* (estudo perfunctorio das secções conicas, da conchoide, da cissoide da limaçon de Paschal e da espiral de Archimedes) e *Geometria descriptiva*—Theoria das sombras e perspectiva. Trabalhos graphicos correspondentes: tres horas por semana.

*Geometria geral e seu complemento algebrico. Calculo differencial e integral*, limitado ao conhecimento das theorias rigorosamente indispensaveis ao estudo da mechanica geral, propriamente dita: tres horas por semana.

*Musica, Desenho e Gymnastica*, para cada disciplina duas horas por semana.

#### Quarto anno

*Mechanica e Astronomia* . . . . .

1.º periodo.	— Mechanica geral, limitada ás theorias geraes do equilibrio e movimento invariaveis dos solidos, e precedida das noções rigorosamente indispensaveis do calculo das variações.
2.º periodo.	— Astronomia precedida da trigonometria espherica: geometria celeste e noções succintas da mechanica abstracta (gravitação universal): tres horas por semana.

*Inglez ou Allemão*—Revisão da grammatica; leitura e traducção de prosadores faceis. Exercícios graduados de versão e conversação: tres horas por semana.

*Grego*—Grammatica elementar. Leitura e traducção de autores faceis: tres horas por semana.

*Musica, Desenho e Gymnastica*, para cada disciplina duas horas por semana.

Revisão:—*Calculo e Geometria, Portuguez, Francez, Latim e Geographia*, para cada materia uma hora por semana.

#### Quinto anno

*Physica e Meteorologia, Chimica animal e Mineralogia* (alternadamente): seis horas por semana.

*Inglez ou Allemão*—Leitura e traducção de autores mais difficeis. Exercícios de versão e de conversação (estudos completos): tres horas por semana.

*Grego*—Revisão da grammatica; leitura e traducção de prosadores gradualmente mais difficeis: tres horas por semana.

*Musica, Desenho e Gymnastica*, para cada disciplina duas horas por semana.

Revisão:—*Calculo e Geometria, Mechanica e Astronomia, Portuguez, Francez, Latim e Geographia*, para cada materia uma hora por semana.

#### Sexto anno

*Biologia* . . . . .

1.º periodo.	— Noções de Zoologia e Botanica (estudo concreto), Biologia.
2.º periodo.	— Biologia: seis horas por semana.

*Historia universal antiga e media*: tres horas por semana.

*Desenho e Gymnastica*, por cada disciplina uma hora por semana.

Revisão:—*Calculo e Geometria, Mechanica e Astronomia, Physica e Meteorologia, Chimica mineral e Mineralogia, Francez, Inglez ou Allemão, Latim, Grego e Geographia*, para cada materia uma hora por semana.

#### Sétimo anno

*Sociologia e Moral. Noções de direito patrio e de economia politica*: tres horas por semana.

*Historia da litteratura nacional*: tres horas por semana.

*Historia universal*—Recapitulação da antiga e média. Historia moderna. Historia do Brazil: tres horas por semana.

*Gymnastica*: uma hora por semana.

Revisão:—*Calculo e Geometria, Mechanica e Astronomia, Physica e Meteorologia, Chimica mineral e Mineralogia, Geologia e Biologia, Latim, Francez, Inglez ou Allemão, Grego e Geographia*, para cada materia uma hora por semana.

Conservando o plano da Gymnasio Nacional, não só quanto á parte numerica das disciplinas, como tambem quanto á integridade lectiva das mesmas, buscamos entretanto adoptal-o melhor ao nosso meio, quer com relação é facilidade na sua execução, quer no tocante á parte financeira do erario publico.

No primeiro caso, dividimos o curso de Historia universal em dois annos, por nos parecerem insufficientissimos nove mezes tão sómente; e fizemos passar o estudo da Algebra para o segundo anno, depois do estudo completo da Arithmetica, que é feito no primeiro anno, devendo o alumno encontrar, d'esta maneira, muito maior facilidade n'aquella materia, que é uma applicação verdadeira d'esta ultima. No segundo caso, attendendo a economia do Estado, reunimos o curso da Historia patria ao da universal, em uma cadeira sómente; e distribuimos as materias: *Meteorologia*, *Mineralogia* e *Geologia* (confiadas no Gymnasio a um lente), esta ultima á cadeira de Historia natural e as primeiras á de Physica e Chimica, pela intima connexão que taes sciencias entre si mantêm.

A nosso ver este programma é pesadissimo, para os nossos educandos de preparatorios.

Vae mesmo de encontro aos principios pedagogicos, que mandam methodisar o ensino de maneira a fazer o alumno progredir do mais facil para o mais difficil, do mais simples ao mais complexo, do menor ao maior numero de materias. O plano do Gymnasio, porém, consagra cinco materias a cada um dos tres primeiros annos, enquanto que nos ultimos distribue sómente tres. N'estes, não podemos levar em linha de conta as repetições das materias estudadas, porque é sem duvida um trabalho muito mais suave, do que aprender o que ainda se não sabe.

Pedagogicamente falando, o processo devia ser precisamente o inverso; e a razão é obvia:—é um verdadeiro erro considerar-se um alumno principiante do curso secundario com as suas faculdades intellectivas perfeitamente desenvolvidas, como já se pode acreditar-as nos academicos. N'aquelle caso, pois, ainda não fallece o alludido principio pedagogico: e a confecção de programmas lectivos, de modo a robustecer cada vez mais a intellecção do joven preparatorio, e não a sobrecarregal-o de trabalho, fatigando-o e, por vezes mesmo, embotando-o—é uma real e grande necessidade, é uma necessidade imperiosa, imprescindivel, absoluta.

Desejamos ardentemente illudir-nos; mas a experiencia, acreditamol-o, provará em tempo que poucos serão os fructos bem sazoados que de tão louvavel tentamen havemos de colher, a menos que, em vez de sete annos de curso completo, não gaste o educando mediano dez ou doze.

ACTA DA SESSÃO DO CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PUBLICA EM 8 DE AGOSTO, APPROVADA EM 5 DE SETEMBRO DE 1891.

Reunida a maioria do Conselho a 5 de Setembro do anno corrente, é lida a acta da sessão antecedente. Posta em discussão o Sr. Dr. Novaes pede que se faça uma rectificação na parte em que trata da transferencia das escolas elementares de Parurú e Pacajá do municipio de Cametá para o Limoeiro, do mesmo municipio, no sentido de não ser comprehendida n'esta transferencia a escola de Pacajá, por ser uma escola antiga que foi restaurada n'aquella localidade; e na redacção da acta quando se refere á escola elementar que foi transferida dos limites da cidade de Cametá para a aldeia de Parijós, sua primitiva séde. O Sr. Dr. Gentil Bittencourt justifica sua falta em sessão precedente e, discutindo a acta, diz que a referida escola de Parurú no districto de Cametá não deve ser transferida para Limoeiro sem que se tenha conhecimento de não preencher o fim para que foi creada. O Sr. Director declara ser esta uma questão vencida visto já ter proposto, na fórma do art. 64 do Regulamento em vigôr, a creação de duas escolas na freguezia do Limoeiro, e acharem-se supprimidas as referidas escolas elementares nos termos da resolução do Conselho que considerou extintas as escolas d'esta categoria que não estivessem providas. Ninguem mais tomando a palavra foi approvada a acta. Passando á ordem do dia o Sr. Director apresenta á consideração do Conselho as petições seguintes: dos professores Jacques de Lima Rodrigues, de S. Caetano d'Odivellas e João da Cruz de Oliveira, de Muaná, pedindo ambos suas remoções, aquelle para a cadeira de Collares, Capim, ou outra qualquer que estivesse vaga proxima á Capital, e este para S. Caetano, caso fosse removido o professor que a rege. O Conselho resolveu que fossem attendidos, sendo removido o de Muaná para S. Caetano e vice-versa, devendo porém realizar-se a remoção durante as proximas ferias; de D. Amelia Umbelina do Rego Barros, professora de Melgaço pedindo sua remoção para Souzel. Attendida; de Ismael Augusto Valente de Moraes, do 1.º districto da cidade de Cametá pedindo remoção para o 2.º Attendido; dos professores José Damaso d'Oliveira, de Marapanim e Francisco Peregrino dos Santos Tocantins, de Boim, requerendo ambos sua nomeação para regerem interinamente a escola de 3.ª entrancia do 1.º districto, que está vaga e sem funcionar desde o começo do corrente anno. Resolveu o Conselho que fosse supprimida esta escola visto serem pouco frequentes as outras d'esse districto, o que prova não haver necessidade da sua reabertura, ficando prejudicados os requerentes na

sua pretensão. O sr. professor Bezerra declarou votar contra esta resolução. Por proposta do sr. Director, e á vista da diminuta frequencia das escolas da cidade de Santarem, o Conselho resolveu que fossem tambem supprimidas desde já, a do sexo feminino que vagou com a remoção da professora D. Aguiar Araujo para Bragança, e no fim do anno lectivo a que é regida pelo professor Manoel Regio de Souza, ambas d'aquella cidade. Foram presentes ao Conselho mais as seguintes: do professor interino do Pinheiro, Antonio de Jesus Martins, requerendo que fique sem effeito o concurso aberto para o provimento effectivo d'aquella cadeira para que elle seja nomeado sem concurso. Contra o voto do professor Espindola resolveu o Conselho que o requerente não fosse attendido; da professora de Irituia, D. Sara Mathilde Julia dos Reis requerendo a cadeira de Monte Alegre. Prejudicada; do professor de Marapanim, José Sequeira da Paixão requerendo ser nomeado para reger interinamente a cadeira de 2.<sup>a</sup> entrança de Breves. O Conselho resolveu que se lhe concedesse a remoção que pede, para outra escola á sua vontade, porém da categoria da de Marapanim, contra o voto do Sr. professor Espindola que declarou votar pela remoção para Breves; do professor de Bujarú, Gregorio Thaumaturgo da Trindade e Souza requerendo que fosse contado para sua jubilação o tempo que esteve avulso por não ter accedido a sua remoção injusta para a villa de Anajás. Por unanimidade resolveu o Conselho que não fosse attendido; da professora de Boim, D. Benedicta Emilia Duarte requerendo ser removida para Limoeiro em Cametá. Não pode ser attendida, porque ainda não está creada a escola de Limoeiro, na professora da 4.<sup>a</sup> D. Francisca de Benevides. D. Sarah Benayon requerendo a reconsideração do acto que a transferio do lugar de adjunta de uma das escolas no 1.<sup>o</sup> districto da Capital para a primitiva escola regida por esta professora em Benevides. Prejudicada por unanimidade. Foi ainda presente ao Conselho um officio do Intendente de Obidos pedindo a demissão do professor de Uruá-tapéra, no municipio de Obidos, pelos erros que se notam no officio em original dirigido pelo mesmo professor ao Intendente. O Conselho deliberou que fosse ouvido o professor, antes de resolver-se sobre a demissão pedida. O Sr. Director declarou ao Conselho que devendo proceder-se brevemente ao concurso da cadeira do sexo masculino de Cintra, devia o Conselho nos termos do Regulamento em vigor eleger um delegado para fazer parte da commissão julgadora do mesmo concurso. O Sr. Dr. Guimarães lê perante o Conselho dous pareceres assignados por elle e pelos Srs. Delfim Guimarães e professor Espindola, sendo um favoravel á pretensão do Conego Antonio Gonçalves da

Rocha, professor do 3.<sup>o</sup> districto da Capital que requer, para melhora de sua classificação lhe seja contado o tempo que servio de professor particular, e outro parecer desfavoravel do Dr. José Ferreira Cantão, lente jubilado do Lyceu paraense, requerendo melhora de jubilação. O Sr. Dr. Magno d'Araujo pede adiamento da discussão d'estes pareceres. O Conselho concede o adiamento. Nada mais havendo a tractar o Sr. Director suspendeu a sessão e, para constar, lavrou-se a presente acta que vae assignada por elle e pelos Srs. Conselheiros. Eu, Manoel Antonio Ferreira de Moraes, Secretario Geral, fil-a escrever e subscrevi (assignado) *Dr. Alexandre Tavares, José Luiz Coelho, Dr. José Antonio Pereira Guimarães, Dr. Carlos Novaes, Severiano Bezerra d'Albuquerque, Antonio Delfim S. Guimarães, Raymundo Joaquim Ramos Espindola, Barão de Marajó.*

#### MOVIMENTO DO PROFESSORADO EM AGOSTO

##### EFFECTIVIDADES

Foram considerados effectivos nas cadeiras que regiam interinamente:

- D. Antonia Siqueira da Paixão, em Anajás.
- Augusto Ramos Pinheiro, em Curuçá.
- Manoel Franco Augusto Gomes, na escola elementar do lugar Flôr da Boa Vista, no rio Mocajuba, districto de Curuçá.
- Idalina Francisca de Alfaya Corrêa, em Affuá.
- D. Amelia Capper no cargo de adjunta da escola regida pela professora D. Rosa Corrêa de Vasconcellos.
- D. Maria Zulmira de Mello Costa, na cadeira do 1.<sup>o</sup> districto da Capital á vista do concurso prestado.
- D. Estephania Silva no cargo de adjunta da escola regida pela professora D. Barbara Martins Leal.
- D. Francisca Leopoldina de Carvalho no cargo de adjunta da escola regida pela professora D. Jeronyma Maria de Carvalho.

##### NOMEAÇÕES

Foram nomeados effectivamente:

- D. Anna Orestes de Oliveira, para a escola de 1.<sup>a</sup> entrança de Benevides.
- Marianno Antonio da Luz para a escola elementar do Bomjardim, districto de Bragança.
- Felix Pedro Manoel Pantoja, para a escola de 2.<sup>a</sup> entrança de Cintra.
- Antonio Protestado da Costa Cordeiro para a escola elementar de Cajueiro, municipio de Bragança.

—Raymundo Feliciano Alves para a escola elementar de Aturiahy, municipio de Bragança.

—Manoel Teixeira Galvão para a escola elementar de Caratateua, municipio de Bragança.

—Tertuliano Rodrigues para a escola elementar do Rio Pereira, municipio da Vigia.

—Raymundo Pedro Lobo para a escola elementar de Araquahim, municipio de Curuçá.

—D. Luiza Marinonia Celso dos Santos para o cargo de adjunta da escola regida pela professora D. Iduina Ignez Celso dos Santos.

—D. Dalila Herminia Rodrigues para o cargo de adjunta da escola regida pela professora D. Ignez Maria Ribeiro Dantas.

—D. Isolina Augusta de Paiva para o cargo de adjunta da escola regida pela professora D. Emilia Augusta de Belem.

—José Justiniano de Meirelles para a escola elementar de Caripy, municipio de Cameté.

#### INTERINAMENTE

—D. Belmira d'Almeida Lima para a escola de 1.<sup>a</sup> entrancia da freguezia de Beja.

—D. Luzia Generosa de Oliveira para a escola de 3.<sup>a</sup> entrancia do 1.<sup>o</sup> districto d'esta Capital, durante a licença da respectiva proprietaria.

—João Climaco Accioli Lobato para o cargo de adjunto da escola do 2.<sup>o</sup> districto d'esta Capital, regida pelo professor Raymundo Joaquim Ramos Espindola.

—Manoel Leão da Costa para o cargo de adjunto da escola regida n'esta Capital pelo professor Pedro José Gonçalves Peleja.

—D. Maria Barbosa de Moura Magalhães para o cargo de adjunta da escola regida pela professora D. Ambrosina Campos Neves.

—D. Maria dos Anjos Netto Martins para reger a escola do 4.<sup>o</sup> districto da Capital durante o impedimento da proprietaria.

#### REMOÇÕES

Foram removidos:

—A professora de Brazilia Legal, D. Silveria Maria de Nazareth Loureiro para reger a escola de 1.<sup>a</sup> entrancia de Bailique.

—José Melchiades Aranha Neves, do Capim para Mojuba.

—D. Maxima Pereira Alves de adjunta da escola da professora D. Iduina Ignez Celso dos Santos para a da professora D. Theodolinda Mello Castro Jesus.

#### DEMISSÕES

Foi demittido a seu pedido, o professor elementar do Furo do Breu, 2.<sup>o</sup> districto de Breves, Joaquim Torres da Fonseca.

### Expediente

À illustrada redacção do *Democrata* agradecemos a noticia que se dignou dar do recebimento e summario da nossa *Revista*.

Pedimos desculpa aos nossos leitores por não começarmos n'este numero, como haviamos promettido no passado, a publicação do Compendio de Geographia do sr. senador dr. Novaes.

Motivos de força maior e extranhos á nossa vontade obrigam-nos a faltar o nosso compromisso que não obstante contamos satisfazer promptamente no proximo numero, visto já irem felizmente desapparecendo as causas que nos estorvam.

#### A NOSSA «REVISTA»

Aos nossos assignantes e collaboradores prevenimos que o nosso escriptorio passou a funcionar na *Livraria Bittencourt*, rua 15 de Novembro.

Reclamações, artigos e todos os negocios tendentes á *Revista de Educação e Ensino* devem ser enviados ao respectivo director na mesma Livraria.

Pedimos tambem ás pessoas e especialmente ás sr.<sup>as</sup> professoras publicas, que não acceitaram a nossa *Revista*, o obsequio de devolverem o numero que lhes foi enviado.

#### CORRIGENDA

Por descuido de revisão escaparam-nos alguns erros em nosso numero passado, cujas correções mais importantes apressamo-nos a fazer, deixando as menores ao criterio dos amaveis leitores.

Na pagina 123, primeira columna, linha 5.<sup>a</sup>; onde lê-se *fique*, diga-se *fiquem*; e na linha 6.<sup>a</sup> em vez de *seja* leia-se *sejam*.